

# Documentos

# O Pão e a Liberdade

---

Albert Camus

**S**e contarmos as violações e os múltiplos abusos que nos são denunciados, podemos prever um tempo em que, em uma Europa de campos de concentração, não haverá em liberdade mais do que os guardas das prisões, que também deverão prender uns aos outros. Quando restar somente um, ele será nomeado guardião-chefe, e será a sociedade perfeita, em que o problema da oposição, pesadelo dos governos do século XX, estará definitivamente resolvido.

Naturalmente, isto não é mais do que uma profecia, e embora em todas as partes os governos e as polícias, com muita boa vontade, tratem de chegar a tal feliz conclusão, ainda estamos longe dela. Aqui, por exemplo, na Europa ocidental, a liberdade está oficialmente bem vista. Apenas fico a pensar nessas primas pobres que se podem ver em certas famílias burguesas. A prima ficou viúva; perdeu seu protetor natural. Então ela é acolhida, oferecem-lhe um quarto no sótão e ela é aceita para a cozinha. Às vezes, ela é levada para passear, no domingo, para provar a virtude e que não se é mau. Mas, nas demais situações, principalmente nas grandes ocasiões, diz-se para ela se trancar no quarto. E se por acaso um policial distraído a abusa por aí, em algum canto, não é motivo para criar problemas; ela já passou por essa situação outra vezes, até com o dono da casa, e no final das contas, não vale a pena contrariar as autoridades. Deve-se admitir que no Leste são mais francos. Resolveram o problema da prima de uma vez por todas, colocando-a em um armário bem fechado. Segundo o que parece, vão tirá-la depois de meio século, mais

ou menos, quando a sociedade ideal se instaurar definitivamente. Então haverá festas em sua honra. Mas, na minha opinião, corre o risco de estar um tanto corroída e temo muito que esteja inútil. Quando se acrescenta que ambas concepções de liberdade, a do armário e a da cozinha, decidiram impor-se uma à outra, e que neste tumulto se veem na obrigação de reduzir ainda mais os movimentos da prima, facilmente se entenderá que nossa história é mais da servidão do que da liberdade e que o mundo em que vivemos é o que acaba de se descrever; mundo que nos salta a vista toda manhã, através do jornal, para fazer dos nossos dias e semanas um único dia de revolta e desgosto.

O mais simples, e conseqüentemente o mais tentador, é acusar de maus modos os governos ou certas forças obscuras. Na verdade, eles são culpáveis e de uma tão densa e duradoura culpabilidade que já nem se vê suas origens. Mas não são os únicos responsáveis. Se a liberdade não tivesse contado com mais do que os governos para velar seu crescimento, é provável que estivesse nas fraldas ou definitivamente enterrada com o epitáfio: “um anjo no céu”. Que eu saiba, a sociedade do dinheiro e da exploração jamais se preocupou em fazer reinar a liberdade e a justiça. Nunca se imaginou Estados policialescos abrindo escolas de direito nos sótãos onde interrogam seus sus-

peitos. Neste caso, quando oprimem e exploram, cumprem o que prometeram e quem deixa aos seus cuidados, sem controle algum, a disposição da liberdade não tem porque estranhar o fato de que ela seja logo desonrada. Se a liberdade é hoje humilhada ou está encarcerada, não é porque seus inimigos a traíram. É porque perdeu, precisamente, seu protetor natural. Certamente, a liberdade é viúva; mas deve-se dizer a verdade: é viúva de todos nós.

A liberdade é assunto que concerne aos oprimidos, e seus protetores naturais surgiram sempre dos povos oprimidos. Na Europa feudal, foram as comunas que mantiveram o fermento da liberdade, os habitantes dos povoados e cidades que fizeram triunfar às escusas em 1789; a partir do século XIX, foram os movimentos operários que tomaram a responsabilidade pelo duplo encargo da justiça e da liberdade, que nunca sequer cogitaram ser irreconciliáveis. Os trabalhadores manuais e intelectuais são os que deram corpo à liberdade e a fizeram avançar no mundo até fazer dela um princípio do nosso pensamento, o ar do qual nos é impossível prescindir, que respiramos sem nos dar conta até o momento em que, privados dele, sentimos a morte. E se grande parte do mundo está hoje em retrocesso, é sem dúvida porque nunca as forças escravizadoras foram mais cínicas nem estiveram melhor

armadas; mas também porque os verdadeiros defensores da liberdade, por cansaço, por desesperança ou por uma falsa ideia de estratégia e de eficiência, se distanciaram dela. O grande acontecimento do século XX foi o abandono, pelo movimento revolucionário, dos valores da liberdade; a progressiva regressão do socialismo da liberdade para o socialismo cesáreo e militar. Desde este momento, uma esperança se foi do mundo, uma solidão começou para cada homem.

Quando, depois de Marx, começou a ser difundido que a liberdade era um pêndulo burguês, apenas uma palavra estava fora de lugar nesta fórmula, porém ainda pagamos as consequências deste erro de colocação nas convulsões do século. Porque devia dizer-se que a liberdade burguesa é um pêndulo, mas não toda a liberdade. Devia dizer-se precisamente que a liberdade burguesa não é a liberdade ou, no melhor dos casos, que ainda não era, mas que haviam liberdades a serem conquistadas e jamais deveriam ser abandonadas. Verdade é que não há liberdade possível para um homem preso à jornada de trabalho e que, quando a noite chega, se amontoa com sua família em uma casa pequena. Mas isso condena uma classe, uma sociedade e a servidão que ela pressupõe, e não a própria liberdade, da qual o mais pobre de nós não pode prescindir. Ainda no caso da

sociedade subitamente se transformar e que todos encontrássemos nela decência e bem-estar, se a liberdade não reinasse, não deixaria de ser uma barbárie. Já que a sociedade burguesa fala de liberdade sem colocá-la em prática, a sociedade operária também deveria renunciá-la, ainda que vangloriando-se de nem dela falar ao menos? Contudo, tal confusão ocorreu e, no movimento revolucionário, a liberdade foi pouco a pouco condenada, porque a sociedade burguesa fazia um uso mistificador dela. De uma justa e saudável desconfiança com a prostituição que a liberdade sofria por parte da sociedade burguesa, passou-se a desconfiar da liberdade em si. No melhor dos casos, foi deixada em suspenso, remetida a épocas futuras, rogando que entretanto não se fale sobre ela. Declarou-se que antes encontrava-se a justiça e que a liberdade seria tratada depois, como se os escravos pudessem esperar a justiça. E uns intelectuais dinâmicos anunciaram aos trabalhadores que só o pão devia lhes interessar, e não a liberdade, como se os trabalhadores não soubessem que seu pão também depende da sua liberdade. E, na verdade, ante a duradoura injustiça da sociedade burguesa, a tentação de chegar a esses extremos era fortíssima. Porque não há talvez ninguém entre nós que, seja na ação, seja na reflexão, não cedeu à esta tentação. Mas a história se-

guiu e o que temos visto deve hoje nos conduzir para a reflexão. A revolução feita pelos trabalhadores triunfou em 1917, e aquela foi realmente a aurora da liberdade real e a maior esperança que este mundo conheceu. Mas essa revolução, sitiada, ameaçada tanto no interior como no exterior, se armou, se fez com uma polícia. Herdeira da fórmula e da doutrina que, infelizmente, fazia da liberdade uma suspeita, a revolução perdeu aos poucos alento, enquanto a polícia se afirmava e a maior das esperanças se esclerosou na mais eficaz das ditaduras. O que não impede que a falsa liberdade da sociedade burguesa prossiga sua existência. E o que se mata nos processos de Moscou e em outros lugares, nos campos da revolução, o que se assassina quando se fuzila, como na Hungria, um ferroviário por uma falta no trabalho, é a liberdade de 1917. A liberdade burguesa pode, no mesmo momento, prosseguir tranquilamente suas mistificações. Os processos e as perversidades da sociedade revolucionária lhe dão argumentos e alívio de consciência.

Enfim, o que caracteriza o mundo em que vivemos é exatamente essa cínica dialética que opõe a injustiça à escravidão, fazendo que com isso se afirmem mutuamente uma a outra. Quando é permitido entrar no Palácio da Cultura uma pessoa como Franco, amigo de Goebbels e Himmler, Fran-

co, o verdadeiro vencedor da Segunda Guerra Mundial, àqueles que protestam e dizem que os direitos do Homem inscritos na carta da UNESCO são dia após dia mais ridicularizados nas prisões de Franco, responde-se sem rir que a Polônia também está na UNESCO e que, ao que diz respeito das liberdades públicas, tanto vale uma como a outra. Que argumento mais idiota! Se alguém tem a desgraça de ver sua filha mais velha se casar com um soldado dos batalhões da África, não é razão para casar a caçula com um inspetor da delegacia de costumes; basta um bicho ruim na família. Contudo, o argumento idiota é eficaz; podemos ver boas provas todos os dias. Aquele que apresenta o escravo das colônias e reclama por justiça, é-lhe mostrado os campos de concentração russos, e vice-versa. E se protesta contra o assassinato em Praga de um historiador oposicionista como Kalandra, jogam-se na cara dois ou três negros estadunidenses. Nesta asquerosa disputa, só há uma coisa que não muda: a vítima, sempre a mesma. Somente um valor é violado: a liberdade, e então se vê em todas as partes que, ao mesmo tempo, também se despreza a justiça.

Como, então, sair desse círculo vicioso? É evidente que apenas pode se conseguir restaurando, a partir de agora, em nós mesmos e ao nosso ao redor, o valor que a liberdade pressupõe e sem jamais sacrificá-la, nem se-

quer provisoriamente, ou afastá-la da reivindicação de justiça. A ordem do dia, para todos nós, somente pode ser esta: nada ceder no plano da justiça, nada abandonar no plano da liberdade. E, em particular, as poucas liberdades democráticas que ainda gozamos, não são ilusões sem importância que podemos deixar nos serem retiradas sem protestar. Representam, exatamente, o que nos restou das grandes conquistas revolucionárias dos dois últimos séculos. Não são, portanto, como tantos astutos demagogos nos dizem, a negação da verdadeira liberdade. Não há uma liberdade ideal que um dia nos será dada, de uma só vez, com a quem se dá a aposentadoria. Há liberdades por conquistar, uma a uma, penosamente; e as que ainda possuímos são etapas, sem

dúvida insuficientes mas certas, no caminho de uma libertação completa. Se se convém suprimi-las, não representa um progresso. Ao contrário, se retrocede, dá um passo atrás e um dia virá em que de novo haverá que percorrer esse caminho; mas esse novo esforço deverá mais uma vez ser levado a cabo entre o suor e o sangue dos homens.

Não, optar pela liberdade não é, como no caso Kravchenko, passar do estado de benefício do regime soviético ao de beneficiário do regime burguês. Já que, ao contrário, isto suporia optar duas vezes pela servidão e, como condenação final, escolher duas vezes para os outros também. Optar pela liberdade não é, como nos é dito, optar contra a justiça. Pelo contrário, escolhe-se hoje a liberdade dos que por todos os cantos sofrem e



lutam, e só à sua altura. Opta-se por ela ao mesmo tempo que pela justiça e, certamente, daqui em diante não é possível que optemos por uma sem a outra. Se alguém nos tira a liberdade, esteja seguro de que vosso pão encontra-se ameaçado, pois ele já não depende de vocês nem da sua luta, mas sim da vontade de um amo. A miséria cresce à medida que a liberdade recua e vice-versa. E se este século implacável nos ensinou algo, esse algo é que a libertação será uma libertação econômica ou não será nada. Os oprimidos não querem apenas ficarem livres da fome, mas também de seus amos. Bem sabem eles que só serão efetivamente emancipados da fome quando acabarem com seus mestres, a todos seus mestres.

Para terminar, acrescentarei que separar a liberdade da justiça é como separar cultura e trabalho, que é o pecado social por excelência. Na Europa, a confusão no movimento operário é, em parte, a consequência de ter se distanciado da sua verdadeira pátria, aquela que ia repor suas forças após cada derrota: a fé na liberdade. Do mesmo modo, o desconcerto dos intelectuais europeus vem de que a dupla mistificação, a burguesa e a pseudorrevolucionária, lhes apartou da sua autêntica fonte, o trabalho e o sofrimento de todos, e lhes distanciou dos trabalhadores, seus aliados naturais. No que se refere a mim, nunca reconheci mais que duas aristocracias: a do trabalho e a da inteligência, e hoje sei que é

loucura ou crime querer submeter uma a outra; sei que as duas não constituem mais do que uma só nobreza, que sua verdade e toda sua eficácia residem na união e que separadas se deixarão reduzir-se à impotência, uma após a outra, pelas forças da tirania e da barbárie, mas que, por outro lado, reunidas dirigirão o mundo. Por isso toda iniciativa destinada a separá-las é uma ação dirigida contra o homem e suas mais elevadas esperanças. O primeiro esforço de toda ditadura é escravizar ao mesmo tempo trabalho e cultura. Evidentemente, é preciso amordaçá-los senão, e os tiranos sabem bem disso, cedo ou tarde um sairá em defesa do outro. Assim como hoje, na minha opinião, é possível a traição de um intelectual de duas maneiras e, em ambos casos, já trai ao aceitar a separação entre trabalho e cultura. O primeiro modo caracteriza os intelectuais burgueses que aceitam seus privilégios em custa da escravidão dos trabalhadores. Dizem frequentemente que defendem a liberdade, mas defendem em primeiro lugar, e sobretudo, os privilégios que a liberdade lhes fornece e somente a eles<sup>1</sup>. O segundo caracteriza os intelectuais que acreditam estar situados a esquerda e que, por não confiar na liberdade, aceitam que a cultura e a liberdade que ela supõe sejam dirigidas, com o vão pretexto de servir a uma justiça por vir. Em ambos casos,

---

1 Ademais, geralmente nem sequer defendem a liberdade, quando correm algum risco.

seja um aproveitador da injustiça ou um renegado da liberdade, ratificam, consagram a separação do trabalho intelectual e do manual, separação que conduz o trabalho e a cultura à impotência, e rebaixa em uníssono a liberdade e a justiça.

É verdade que a liberdade insulta o trabalho e o separa da cultura, quando tal liberdade está constituída essencialmente de privilégios e não, sobretudo, de deveres. E desde o momento em que cada um de nós faz prevalecer os deveres da liberdade sobre seus privilégios, a liberdade reúne o trabalho e a cultura e põe em marcha uma força que é a única capaz de servir eficazmente a justiça. A regra da nossa ação, o segredo da nossa resistência pode então formular-se de modo simples: tudo o que humilha o trabalho, humilha a inteligência e vice-versa. E a luta revolucionária, o esforço secular de libertação define-se essencialmente como um duplo e incessante rechaço da humilhação.

Para dizer a verdade, ainda não saímos da humilhação. Mas o mundo gira, a história muda e um tempo se aproxima, disto estou seguro, em que já não estaremos sozinhos. Para mim, nossa reunião de hoje já é um sinal. Para que alguns

trabalhadores se reúnam e congreguem-se ao redor das suas liberdades para defendê-las se merecia, realmente, que todos se juntassem de todas as partes para manifestar sua união e sua esperança. O caminho para percorrer é longo. Contudo, se a guerra não vier para mesclar tudo em sua asquerosa confusão, nos restará tempo para dar enfim uma forma à justiça e à liberdade que necessitamos. Mas para isso devemos, daqui em diante, rechaçar claramente, sem ira, mas irredutivelmente, as mentiras que nos tem proclamado e das quais estamos fartos. Não! A liberdade não se constrói sobre os campos de concentração, nem sobre os povos escravizados das colônias, nem sobre a miséria operária! Não! As pombas da paz não pousam sobre os patíbulos! Não! As forças da liberdade não podem misturar os filhos das vítimas com os carrascos de Madri e de outras partes! Disto, pelo menos, estaremos em diante muito seguros, como estaremos seguros de que a liberdade não é um presente que se recebe de um Estado ou de um chefe, mas sim um bem que se conquista diariamente, graças ao esforço de cada um e da união de todos.

**Albert Camus** (1913-1960), foi escritor e filósofo libertário, autor de *O Estrangeiro* (1942), *A Peste* (1947), entre outras obras. O presente texto foi uma conferência pronunciada na Bolsa de Trabalho de Saint-Étienne, em 10 de março de 1953. Tradução para o português feita por Panclasta, a partir da tradução espanhola. Revisão feita por D., a partir do texto original em francês.